

**“Um tapa na cara pra quem diz que cura gay não existe”:
A ideologia de gênese em Cleycianne, Lady Gaga e Marco
Feliciano**

“A Slap in the face for who says that gay cure doesn’t exist”:
The ideology of genesis in Cleycienne, Lady Gaga and Marco
Feliciano

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o.¹

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí, a procurar
Rir pra não chorar
Cartola

Resumo

Apresento aqui alguns dos modos como a personagem da *internet* Cleycianne age humoristicamente na resistência a dispositivos de gênero e sexualidade que se associam a uma certa “ideologia de gênese” perpetrada por pastores-políticos como Marco Feliciano. O artigo analisa textos e imagens relacionadas à Cleycianne e é costurado com observações de autoras/es sobre religião e humor e com análises que fiz durante minha tese de doutorado em História Social, em que analisei ministérios evangélicos de “cura, restauração e libertação” de pessoas transgêneras.

Palavras-chave: humor e religião; gênero e religião; internet e religião; ideologia de gênero

¹ Presidência da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR); Docente-visitante do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH/UFPB) e do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (CCJ/UFPB); Pós-Doutorado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Pós-Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); Mestrado em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Coordenação da Fogo Editorial.

Abstract

I present here some of the ways in which the internet character Cleycianne acts humorously in the resistance to devices of gender and sexuality that are associated with a certain "ideology of genesis" perpetrated by political shepherds as Marco Feliciano. The article analyzes texts and images related to Cleycianne and is tailored with remarks by authors on religion and humor and with analyzes that I made during my doctoral thesis in Social History, in which I analyzed evangelical ministries of "healing, restoration and liberation" of transgender people.

Keywords: humor and religion; gender and religion; internet and religion; gender ideology

Introdução (ou “no princípio era o riso”)

Apresento neste texto algumas das formas como Cleycianne, personagem da *internet* que representa uma mulher evangélica conservadora, atua parodicamente na resistência (ou “ris-istência”) aos dispositivos de sexualidade e cisheteronormatividade relacionados a uma certa “ideologia de gênese”, se contrapondo especialmente às concepções de “cura, restauração e libertação” da sexualidade de pastores-políticos midiáticos como Marco Feliciano.² O texto parte de uma análise de textos e imagens veiculados por essa *diva gospel*, entremeados com contribuições de pessoas que escreveram sobre religião e humor, análise de imagem e “cura gay”, e anotações de minha pesquisa de Doutorado em História Social (2014) sobre “cura, restauração e libertação” de pessoas transgêneras.

O texto se estrutura da seguinte forma: na *gênese* do mesmo refletirei a relação entre humor -especialmente a paródia - como resistência política no ciberespaço. Na sequência apresentarei Cleycianne, serva do Senhor na *internet*.

² A ideologia de gênese que reveste tais dispositivos, por sua vez, se promove a partir dos ataques a uma fantasiosa e sofismática “ideologia de gênero” - termo falacioso que se relaciona com os mais que necessários estudos e diálogos sobre justiça e igualdade de gênero. Sobre alguns dos impactos da resistência à chamada “ideologia de gênero” na educação, especialmente nos Planos Municipais de Educação (PMEs) sugiro: SOUZA, 2016 e SOUZA, MARANHÃO F^o, 2018. Comentarei sobre as íntimas interconexões entre a “ideologia de gênese” e a sofismática “ideologia de gênero” em textos posteriores.

Em seguida, quem lê o artigo acompanhará a questão da “cura, restauração e libertação” de pessoas não-hétero e não-cisgêneras e um de seus maiores promotores, o pastor-celebridade ou *popstor* Marco Feliciano. Logo após, observaremos tentativas de interdição de perfis de *drags* e demais pessoas transgêneras pelo Facebook e episódios de “ris-istência” estimulados por *tia Cley*, como o concurso (*reality show*) de cura de *drags*, relacionado à uma certa Fada Madrinha representada por um certo político e pastor famoso. No *apocalipse* ou final do texto virão considerações de caráter *inconclusivo* sobre a cura da homofobia e transfobia através do humor - bem como sobre os necessários diálogos e estudos (des) envolvendo igualdade e justiça de gênero.

1. Deus é amor ou Deus é humor?

No princípio era o Verbo e o Verbo se fez paródia? Mais que dizermos que Deus é amor, será que Deus é humor?³ Em tempos de Idade Mídia⁴ a *internet* pode ser considerada apologeticamente “uma benção” ou ela representaria o Apocalipse de uma “*inferneta*”?

Pierre Lévy compreende que a *internet* é benéfica já que o formato descentralizado da rede proporciona que as pessoas conectadas consigam construir e partilhar a inteligência coletiva sem submeter-se a qualquer tipo de restrição político-ideológica. Para Jorge Miklos, “na esteira da utopia cibernética, Levy encara a Internet como um agente democrático (porque democratiza a informação)” e também “humanitário (porque permite a

³ “Porque Deus é humor” é título de *site* do pastor Jasiel Botelho. Além desse, há outros *sites* e *blogs* que utilizam o riso como forma de crítica social/religiosa com perspectivas mais ou menos conservadoras e/ou (nada) confessionais, como o *Genizah* (de Danilo Fernandes); o *Um sábado qualquer* (de Carlos Ruas); além do Porta dos Fundos, Pastor Adélio, Pastor Gaúcho, Ministros do Riso, Portal Fiel, Agnussantos, Cenáculo Universal e Infiltrados no Mundo, dentre outros. Eduardo Guilherme de Moura Paegle comentou sobre o *Genizah* e o *Porque Deus é humor*, que de acordo com ele, são *sites* feitos “por, para e pelos evangélicos” (PAEGLE, 2015, p. 2). Sobre o uso religioso da *internet* sugiro Airton Jungblut (2012) e acerca da relação entre cristianismo e humor recomendo os diversos artigos de Salma Ferraz.

⁴ Stewart M. Hoover é o autor da expressão *Idade Mídia* (2006).

valorização das competências individuais e a defesa dos interesses das minorias).” Miklos postula que essa “visão redentora da cibercultura” é “alargada por Paul Virilio (2000), que considera a cibercultura uma cultura de controle (apropriação por parte do poder instituído por grandes empresas, classes militares e Estado).” Este entende que “o libertário propugnado pela cibercultura foi tragado pelos interesses do capital” e que “o ideal de livre acesso converteu-se em apropriação dos efeitos tecnológicos ora pelo Estado com interesses militares, ora pelo mercado com interesses de ampliação e reprodução do capital” (MIKLOS, 2010, p. 82). Para Miklos, “até o presente momento constatamos que aconteceu com a cibercultura o mesmo que ocorreu com a modernidade: a promessa de liberdade submeteu-se à onipotência do capital” (MIKLOS, 2010, p. 86).⁵

Percebido assim, temos a impressão de que a cibercultura⁶ e o ciberespaço são territórios maniqueisticamente dicotômicos: servem ao bem ou servem ao mal. Mas é possível entendermos que o principal sentido do ciber é a polissemia: trata-se de um ambiente especialmente marcado por te(n)sões, conflitos, disputas de poder e tentativas de domínio e de resistência política. Para além ou aquém das discussões que pensam o ciberespaço como positivo, negativo ou um *mix* das duas coisas, esse texto procurará identificar um caso que compõe uma bem-humorada rede de resistência paródica e ciberespacial através do riso⁷ – e podemos chamar aqui essa risonha resistência de *ris-istência*.

⁵ O autor contempla que a ciber-religião “se por um lado, traz a promessa da redenção, da aproximação entre as pessoas, por outro, produz na sua sementeira a ilusão: no lugar do religare, a mera operacionalidade e a conexão técnica” (MIKLOS, 2010, p. 88).

⁶ Em relação ao termo cibercultura, autores/as como Theophilos Rifiotis tem refletido sobre a inadequação do mesmo: “ao invés de definições apriorísticas de ciberespaço, cibercultura, etc., que poderiam se confundir com um nominalismo, retomamos as interrogações básicas sobre como se dão as interações nesse espaço. Possibilitando, então, condições para revisitarmos criticamente os conceitos e princípios metodológicos da Antropologia” (RIFIOTIS, 2002, p. 3).

⁷ Alguns dos *sites* referidos na 3ª nota de rodapé podem ser considerados integrantes de uma rede de *ris-istência contra-hegemônica e contra-dispositiva* - outros, contudo, mais ratificam e reificam (quando não deificam) determinadas normas conservadoras do que propõem rupturas das mesmas. São, ainda assim, movidos por perspectivas humorísticas.

Semelhantemente ao ciberespaço (a *internet* é benéfica ou maléfica afinal?), o riso também tem suas ambiguidades: pode, por exemplo, servir ao *status quo* e pode ter o intento de subvertê-lo. Como já contemplava Georges Minois, “o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade: serve ao mesmo tempo para afirmar e subverter” (MINOIS, 2003, p. 16). Uma das formas como o riso floresce está na *paródia*. Estapode ser ferramenta de afirmação da ordem ou de subversão à mesma e é definida por Linda Hutcheon como “imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo”, tendo como principais operadores formais versões irônicas de “transcontextualização” e inversão, sendo que “o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial” (HUTCHEON, 1989, p. 54). Já Salma Ferraz entende paródia como uma forma de intertexto que “exige que o leitor conheça o texto base, o texto primeiro, a pintura primeira. Só que não ocorre apenas a introdução de um novo sentido ao texto primeiro, mas sim, uma completa alteração de significado do primeiro texto”, (FERRAZ, 2011, p. 53) devendo produzir sentidos risíveis, ou seja, humor. Ou como nota Josué Chaves, “quem lê uma paródia recebe claramente a mensagem de que nela existe uma comparação zombeteira, destinada à produção de comicidade” (CHAVES, 2018, p. 125). Para Julia Antivilo Peña, ao falar sobre arte e feminismo, “a ironia, o sarcasmo e a paródia tem sido ferramentas históricas às quais as mulheres tem recorrido para tomar a voz nas artes, como estratégia argumentativa de discurso e ação política feminista” (PEÑA, 2015, p. 168), e “rir de quem nos oprime nos faz perder o medo desse poder, pois desestabiliza, perturba, molesta, fissura o monólito dos discursos do poder hegemônico” (Idem, 2015, p. 170).⁸

2. Cleycianne, *serva do Senhor na internet*

O caso identificado nesse artigo diz respeito ao *riso paródico* e resistente (*risistente*) ao poder de gênero hegemônico contido em Cleycianne, personagem da *internet*. A *gênesede tia Cley* se dá em julho de 2009, quando o DJ Thiago Pereira

⁸ Traduções minhas do espanhol.

deu à luz ao *blog* da Cleycianne, que apresenta essa *serva do Senhor no mundo da internet*. Podemos considerar a personagem como a representação de uma mulher evangélica que *comeu o pão que o diabo amassou* e distribui o *pão da vida* no ciberespaço, ou de acordo com Santana, Almeida e Gouveia, uma “cristã convertida após ter levado uma vida promíscua comandada pelo Diabo”⁹. Como o texto de apresentação de Cleycianne no *blog* homônimo¹⁰ explica,

meu nome é Cleycianne, sou modelo fotográfica e Cristã batizada. Sempre tive vontade de ter um site na internet, foi então que tive a ideia de criar esse *blog* com a ajuda de um amigo para comentar as coisas que acontecem na internet com uma visão cristã. Espero que as pessoas “do mundo”, aquelas que ainda não se converteram, não fiquem questionando os meus pensamentos e ideias pois é como o pastor da minha igreja diz: “eu não sou preconceituosa, sou apenas cristã e sei o que é correto”. (CLEYCIANNE, 2010).¹¹

Imagem: Cleycianne, *serva do Senhor na internet*



Fonte:

<https://twitter.com/cleycianne>

Trata-se de uma personagem repleta de efeitos de verdade, tendo sido necessário ao autor, consciente do “reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem” (DUARTE, 2006, p. 18), e de sua potência

⁹ SANTANA, ALMEIDA, GOUVEIA, 2010, p. 1.

¹⁰ Posteriormente, Pereira criou uma página de Facebook e um perfil no Twitter para veicular conteúdos do *blog* e conteúdos novos.

¹¹ Idem, 2010, p. 2.

paródica/sarcástica/irônica, colocar uma nota de rodapé no *blog* alertando que “Cleycianne não passa de uma obra de ficção, criada na intenção de levar os estereótipos da evangélica fanática e da loura burra a extremos absurdos, como estratégia de humor” (CLEYCIANNE, 2010).

Como narram Santana, Almeida e Gouveia, “um cristianismo bastante particular e exageradamente radical é adotado pela personagem, que ainda escreve de maneira inadequada em relação à norma culta da língua portuguesa”, se prendendo “a assuntos superficiais, como roupas e técnicas de emagrecimento” e fazendo chacota de ícones *pop* LGBT: “quando a cantora Lady Gaga caiu, durante uma apresentação, Cleycianne comentou que era Deus tentando derrubar a artista estadunidense, que é vista por ela como uma pessoa demoníaca” (SANTANA, ALMEIDA, GOUVEIA, 2010, p. 3).

Um dos motes da Cleycianne – personagem criada para veicular parodicamente concepções evangélicas entendidas por Pereira como discriminatórias – é se colocar como promotora da *cura, restauração e libertação* de pessoas vistas como *demoníacas*, como gente obesa e praticantes de outras religiões, especialmente de matriz afro-brasileira. Além desses públicos, o alvo constante de chacota e perseguição da *Diva Cleycianne* são as pessoas não-hétero¹² e não-cisgêneras¹³ / transgêneras¹⁴ (travestis, transexuais, *drag queens*, dentre outras). Mas no que consiste esta tal “cura, restauração e libertação”, comumente chamada de “cura gay”?

¹² Optei aqui pelo termo “não-hétero” ao invés do mais simplista “homossexuais” pois a discriminação que embasa a “cura gay” não se restringe, em termos de orientações sexuais, a pessoas homossexuais, mas a bissexuais, polissexuais, pansexuais e outras pessoas não-heterossexuais. No quesito identidades / subjetividades / sensibilidades de gênero, a famigerada “cura” procura ainda abarcar todas as pessoas não-cisgêneras / transgêneras - (con)fundindo orientações sexuais e gênero como se fossem a mesma coisa.

¹³ *Cisgeneridade* é a condição sócio-política-cultural da pessoa outorgada “mulher” ou “homem” no nascimento ou gestação e que se sente adequada em plenitude às convenções e expectativas relacionadas ao sistema sexo-gênero que lhe foi designado.

¹⁴ *Transgeneridade* ou *não-cisgeneridade* é a condição sócio-política-cultural da pessoa que foi designada ao nascer (ou na gestação) de um determinado sistema binário sexo-gênero (“homem” ou “mulher”) mas não se sente adequada às expectativas e normas sócio-culturais-políticas referentes ao sistema que lhe foi outorgado. Ver: LANZ, 2014; MARANHÃO Fº, 2014.

Eu sou bonita do meu jeito
Pois Deus não comete erros
Lady Gaga

3. A “cura gay” da “ideologia de gênese”

Antes de tudo, “cura gay”¹⁵ é um termo utilizado equivocadamente por pelo menos duas razões: uma, por procurar englobar não somente pessoas homossexuais (gays) como todas as pessoas com orientações sexuais e afetivas não-hétero e pessoas com identidades / subjetividades transgêneras / não-cisgêneras. Além disso, não há “cura” do que não é doença.

A concepção de que pessoas que não são heterossexuais ou cisgêneras podem ser “curadas” de tais “vícios”, “pecados” e “doenças mentais, emocionais e espirituais” (por vezes com desdobramentos no corpo físico), e merecem ser judicializadas, psiquiatrizadas, patologizadas e *pecadologizadas* é recorrente em diversos setores ultra-conservadores da sociedade, incluindo a maior parte da Igreja Católica e das igrejas evangélicas. Em relação ao discurso evangélico, Marcelo Natividade distingue o que se costuma conceber por cura, libertação e restauração:

A primeira é alcançada em um processo, referido como *cura das memórias*, o que indica a influência de um discurso psicologizante na prática religiosa. Já a *libertação* toma como ponto de partida a noção de *possessão* e enseja uma prática ritual na qual fiel e pastor encenam *performances* de expulsão do mal. A categoria *restauração sexual* circunscreve um ideal a ser atingido: a adequação a um modelo de gênero condizente com o ideal de homem e mulher de Deus. Parto dessa classificação mais geral para a análise dos discursos sobre a *cura* da homossexualidade (NATIVIDADE, 2006, p. 123).

¹⁵ Além das aspas em citações, as aspas deste texto sinalizam sentidos irônicos.

Natividade comentava sobre os modos como era vista a homossexualidade em 2006 por setores evangélicos, mas tais categorias podem ser aplicadas também a públicos como o das pessoas transgêneras,¹⁶ e dentre essas, a dois segmentos identitários específicos, o das travestis e das mulheres transexuais, costumeiramente alvos de ministérios evangélicos que pregam a “cura, libertação e restauração”.¹⁷ Tais empreendimentos contra-identitários de aniquilação da subjetividade alheia são falaciosos visto não haver nenhuma base científica para que a não-heterossexualidade ou a não-cisgeneridade possam ser consideradas patologias, consistindo assim, em exercícios de *não-heterofobia religiosa* e de *transfobia religiosa*¹⁸.

A não-heterofobia¹⁹ e a transfobia são enraizadas, dentre outros fatores, em leituras bíblicas descontextualizadas sócio-historicamente e no *dispositivo da cisheteronormatividade*, que descreve / prescreve a cisgeneridade e a heterossexualidade como condições sociais “naturais” e “corretas”, *pecadologizando / psiquiatrizando / judicializando / psiquiatrizando* as demais alternativas subjetivas. Tal dispositivo²⁰ se funda na produção de “regimes e práticas de verdade”: “o par ‘série de práticas/regime de verdade’ forma um dispositivo de saber - poder que marca efetivamente no real o que não existe e

¹⁶ É necessário notar que não se deve confundir *homossexualidade* (uma orientação sexual, dentre muitas) com *transgeneridade* (a inadequação às convenções sociais que procuram orquestrar que os padrões “corretos” de gênero são correspondentes à cis-heteronormatividade).

¹⁷ Tais discursos, ao extremo, podem levar à morte essas e outras pessoas transgêneras (MARANHÃO Fº, 2014, 2017b).

¹⁸ *Transfobia religiosa / espiritualista* diz respeito à aversão / discriminação / intolerância / violência a pessoas transgêneras a partir de concepções, pressupostos e/ou dogmas religiosos ou espiritualistas (MARANHÃO Fº, 2014, 2017).

¹⁹ Prefiro utilizar aqui *não-heterofobia* a *homofobia* pois o guarda-chuva “cura gay” enfeixa não apenas pessoas auto-declaradas homossexuais, como também todas as pessoas que não são heterossexuais, como por exemplo bissexuais, polissexuais e pansexuais. Tal guarda-chuva engloba ainda, e também erroneamente, pessoas assexuadas e pessoas interssexo.

²⁰ *Dispositivo*, para Michel Foucault, trata-se de “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo, o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 2000, p. 244).

submete - o legitimamente a demarcação do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2008, p. 27). É nesse sentido que o dispositivo da cisheteronormatividade, legatário do que Foucault chama de *dispositivo da sexualidade*, “tem, como razão de ser, não reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 100). Como *dispositivo da cisheteronormatividade*, podemos entender

a rede de relações entre saberes, dizeres e poderes que direcionam as concepções mais generalizadas na sociedade a respeito de gênero, enraizadas na percepção de que há uma normatividade a ser seguida, associada ao sexo/gênero binário, e dentro dos parâmetros da cisgeneridade. Esse conjunto de concepções e poderes dá substância ao preconceito, discriminação e intolerância a pessoas que não se adequam ao que se espera de uma pessoa cisgênera, ou seja, que atuem no mundo a partir de um conjunto de normas e expectativas referentes ao sistema sexo/gênero/corpo (ou sexo/gênero/corpo/alma, em alguns casos), imputado no nascimento ou gestação. Tal dispositivo costuma se relacionar ao que podemos entender como *dispositivo da heteronormatividade*, quando se concebe que a heterossexualidade deva ser a norma de conduta a ser (per)seguida. Nesse caso, podemos falar de um *dispositivo da cisheteronormatividade* ou *da cisheteronorma*, responsável pela intolerância a pessoas não-cisgêneras e a pessoas não-hétero. Certamente, há outros dispositivos sociais que içam concepções e atitudes discriminatórias, como o dispositivo de raça/etnia, de classe, de capacidade física/mental, de regionalismo, e daí por diante – e como não falar de um certo *dispositivo religioso*, com suas especificidades, como o *dispositivo religioso católico e/o evangélico*, por exemplo? Nesse caso, tratam-se de teias de saberes e poderes responsáveis por arquitetarem concepções e comportamentos a serem seguidos dentro de determinados cânones, se inter-relacionando com os dispositivos acima citados (MARANHÃO Fº, 2017, p. 171).

Em contexto católico e evangélico, esse dispositivo parece se relacionar a uma certa “ideologia de gênese” em que crê-se que há somente dois sexos concebidos por Deus (masculino e feminino), devidamente hierarquizados a partir das ideias de que a mulher veio da costela do homem (Gênesis 2:22) 1

Coríntios 11:9) e de que esse é “o cabeça da relação” (Efésios 5:23; 1 Coríntios 11:3).

Uma das formas como as missões evangélicas de “libertação, restauração e cura” de gênero e sexualidade reverberam o dispositivo / mecanismo da cisheteronorma procurando “comprovar” a (suposta) eficácia e eficiência simbólica de suas atividades está na veiculação de imagens e discursos sobre o “antes e o depois”. Como disse uma pessoa que passou por um ministério de “cura de travestis”,

o pessoal da missão tira foto da gente quando tamos embaixo da ponte no *crack* e na cola e depois que passamos uns dias na casa de recuperação eles tiram a foto da gente com banho tomado, o cabelo raspado, as roupas de homem, e mandam pro exterior pra ganhar o dinheirinho deles com a transformação da gente.²¹

Essa pessoa, assim como outras, relata que há igrejas e organizações estrangeiras que costumam financiar a ação “curativa, libertadora e restauradora” de missões brasileiras especializadas. Explica-se que para cada pessoa que (supostamente) se torna ex-travesti, ex-transexual ou ex-homossexual a missão receba determinada quantia de dinheiro. Além de relatório pormenorizado acerca dos “avanços” da pessoa *sobrando em reabilitação* ²², costuma-se anexar as célebres fotos do “antes e depois”, sendo notório que o testemunho de pessoas ex-travestis se fundamenta no ato de *matar o velho homem* e fazer *renascer o novo*, ou em outras palavras, no *antes* e no *depois* enunciado / anunciado através de fotos (MARANHÃO F^o, 2014).²³

²¹ PESSOA que passou por missão de “cura de travestis 1”, entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o, 2014.

²² Termo nativo, êmico utilizado por ministérios que pretendem “reabilitar, recuperar, libertar / curar” pessoas transgêneras e não-hétero de suas subjetividades / identidades de gênero ou de suas sexualidades. As aspas deste texto têm caráter irônico.

²³ Na tese referida, analisei o que pessoas transgêneras *faziam* com o que alguns discursos evangélicos *tentavam fazer* delas no tocante a suas identificações de gênero e sexualidade. Esse trabalho se fundamentou no que convencionei *etnografia e história oral ciborgues*: a imbricação entre etnografia e história oral, realizada em contextos *on* e *off-line* (MARANHÃO F^o, 2014, 2016a).

Esse contexto de “antes e depois” gerou, em 2014, uma bem-humorada intervenção de algumas pessoas transgêneras no Facebook. Se na imagem abaixo, da esquerda, vemos o (já falecido) pastor Joide Miranda, auto-declarado extravesti e líder de ministério de “cura” da sexualidade demonstrando sua transição de travesti a *varão ungido por Deus*, na imagem da direita Jacque Chanel, auto-denominada travesti / mulher transexual e líder de um ministério evangélico de acolhimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans²⁴ mostra a obra que Deus fez em sua vida: de homem a travesti / mulher transexual – dando novo significado ao “antes e depois” apresentado por Miranda.

Imagens: Antes e depois de Joide Miranda e de Jacque Chanel



 **Jacque Chanel**
8 de dezembro às 13:00
JACQUE CHANEL TAMBÉM FOI ALCANÇADA PELO AMOR DE JESUS!!!
ANTES EM 1981
DEPOIS EM 2013



[Curtir](#) · [Comentar](#)

Fonte: Perfis de Facebook de Joide Miranda e de Jacque Chanel

²⁴ Trata-se do *Ministério Séfora's de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans*, ligado à Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional, a CCNEI, cuja sede fica na capital paulista (MARANHÃO Fº, 2014, 2015b).

Se por um lado Miranda se encaixa no dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988) / dispositivo da cisheteronormatividade, se enquadrando às convenções que regem os padrões binários de gênero, Chanel atua parodicamente na resistência (ou em uma bem-humorada ris-istência), a reboque do que Foucault notava: “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1999, p. 91). Para esse autor, as relações de poder “não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão”, estando tais pontos “presentes em toda a rede de poder” (Idem, 1999, p. 91). Chanel atua ainda, a partir de sua imagem, como *profanadora do dispositivo* ou como *contradispositivo*, remetendo a Giorgio Agamben, que infere: “a estratégia que devemos adotar no nosso corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum” (AGAMBEN, 2014, p. 44).

3.1 A “cura gay” de Marco Feliciano

Chanel e Miranda demonstram perspectivas distintas sobre acolhimento de pessoas transgêneras por ministérios evangélicos. Se para Chanel - auto-identificada travesti e mulher transexual - as pessoas trans devem ser incluídas *como são* pois suas *transformações* fazem parte de uma obra de Deus em andamento, para Miranda - ex-travesti -, modificar o corpo implica em alterar a obra de Deus e tais pessoas podem ser acolhidas desde que não permaneçam *como estão*. Vale ressaltar a possível assimetria em relação ao impacto de tais perspectivas. Se ministérios como o de Chanel parecem poucos, missões de “cura, restauração e libertação” parecem existir aos montes. Conversei, durante pesquisa realizada em 2014, com missionários de “cura” de homossexuais e travestis indígenas em São Gabriel da Cachoeira, conhecida como “a cidade mais

indígena da Amazônia”, localizada no Alto Rio Negro. A existência de missões desse tipo na região chamada “cabeça do cachorro”, no noroeste da Amazônia, indicia o alcance geográfico desses ministérios. Conversando com um missionário, ele explicou que as pessoas homossexuais e travestis eram assim “porque recebem encostos, entidades e pombagiras”. Perguntado como ele havia aprendido a relação entre homossexualidade / travestilidade e pombagiras demoníacas, ele ponderou: “assistindo os vídeos de homens abençoados como o pastor Silas Malafaia e o pastor Marco Feliciano”.²⁵ Na mesma entrevista, explicou sobre a pombagira que teria tomado o corpo de uma travesti indígena da cidade:

Este irmão travesti era possuído pela Pombagira Lady Gaga. Por que é isso: Deus faz o corpo do homem mas influenciado pelo diabo ele vai e deforma. O corpo é possuído por pombagiras como a Sete Saias e a Lady Gaga. Que era o caso deste irmão. Quando ele chegou na igreja, e o pastor colocou a mão na cabeça dele, ele vestido de mulher, o demônio manifestou, e disse que quem tava possuindo o corpo dele era a Pombagira Lady Gaga.²⁶

Tal concepção tragicômica demonstra o impacto que pastores/políticos midiáticos como Marco Feliciano e Silas Malafaia²⁷ tem no território nacional, na esteira do que nota Magali do Nascimento Cunha acerca dos ecos do neoconservadorismo evangélico brasileiro nas mídias: “as celebridades midiáticas são portadoras de crédito do público evangélico, formadas nas bases do protestantismo fundamentalista e puritano, e, portanto, alçadas ao caráter de autoridades religiosas” (CUNHA, 2015, p. 35).

²⁵ Idem, fevereiro de 2014. Para mais informações: MARANHÃO Fº, 2014 e 2015a.

²⁶ MISSIONÁRIO indígena de “cura” de homossexuais e travestis indígenas, entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, fevereiro de 2014.

²⁷ Acerca dos discursos fóbicos e extremistas de Malafaia relacionados à “cura gay”, ver: NASCIMENTO, 2013; CAMPOS, GUSMÃO, MAURICIO JUNIOR, 2015; MARANHÃO Fº, 2015.

Enquanto deputado²⁸ e líder da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, Feliciano apoiou projeto apresentado pelo deputado João Campos (Partido da Social Democracia Brasileira, de Goiás / PSDB-GO) que permitiria a “recuperação” de pessoas homossexuais e sua “transformação” em pessoas hétero,²⁹ projeto apelidado de “cura gay”.³⁰

²⁸ A eleição de políticos evangélicos e católicos ultraconservadores e a presidência da CDHM por Feliciano demonstraram os crescentes (e alarmantes) esforços destes em empreender sua *teologia/política* fundamentada na *trindade domínio/batalha/cura espiritual*, com a ingerência sobre a identidade e a sexualidade alheia e o controle de espaços cada vez mais consistentes do Legislativo, procurando atravancar avanços e demandas transgêneras, LGB e feministas. A indicação de Feliciano se deu do seguinte modo, em linhas bem gerais: em fevereiro de 2013, período de articulações políticas em torno de cargos em comissões parlamentares, o Partido dos Trabalhadores (PT) abriu mão da CDHM para se lançar em outras comissões, cabendo ao Partido Socialista Cristão (PSC) a indicação, em 5 de março de 2013 do novo presidente, que foi Feliciano. Cunha nota que “foram imediatas as reações de grupos pela causa dos Direitos Humanos ao nome de Marco Feliciano, com a alegação de que o deputado era conhecido em espaços midiáticos por declarações discriminatórias em relação a pessoas negras e a homossexuais” (CUNHA, 2013).

²⁹ O Projeto de Decreto Legislativo (PDC) foi arquivado mas Feliciano declarou, ainda em julho de 2013 através de seu perfil no Twitter, que continuaria fazendo esforços para sua aprovação. De acordo com o Portal Terra, em matéria de 2 de julho de 2013, “o deputado João Campos (PSDB-GO), autor do projeto, decidiu nesta terça-feira arquivar a proposta na Câmara Federal. O recuo de Campos veio após a onda de protestos que atinge o País há quase um mês”. Para Feliciano, o parlamentar acertou ao retirar a matéria pois “o PSDB, seu partido, inviabilizou quando notificou ser contra” e João Campos teria entendido “que os ativistas, a mídia e alguns partidos invisíveis usariam o PDC 234 para tirar o foco das manifestações verdadeiras”. Feliciano afirmou ainda que a bancada evangélica já esperava a derrota do projeto: “Sempre soubemos que perderíamos nas comissões por sermos poucos”, disse. A “cura gay” foi aprovada na CDH, mas precisaria passar por duas comissões da Câmara antes de ser votada em plenário. Para o deputado, mesmo assim a Frente Evangélica “marcou posição”: “Essa perseguição de parte da mídia e dos ativistas nos fortaleceu e nosso povo acordou. Nos aguarde em 2015! Viremos com força dobrada”, afirmou” (*Feliciano admite derrota e diz que ‘cura gay’ pode voltar: ‘nos aguarde em 2015’*, 2013).

³⁰ Contextualizando, em 2011 já havia ocorrido o confronto entre ativismos LGB, trans* e feminista e coletivos religiosos, sobretudo evangélicos – controvérsia moldada em torno do julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) acerca do *reconhecimento da união estável de casais homossexuais (união homoafetiva)*. A deliberação do STF foi favorável a vários casos que pleiteavam o reconhecimento de direitos iguais entre casais homossexuais e heterossexuais à partilha de bens, pensão e herança. Na sequência, ocorreu o veto da presidente Dilma Rousseff ao *Kit Anti-Homofobia*, que seria distribuído pelo Ministério da Educação, e a retirada da PLC 122/06, que criminalizava a homofobia. A PLC 122/06 – que tramitava há quase uma década na CDHM – tinha como objetivo igualar a intolerância a pessoas homossexuais a crimes de ódio, como o racismo. A ex-senadora Marta Suplicy já havia tentado aprová-la, mas não obteve êxito. A PLC 122/06 procurava ampliar o alcance da Lei 7.716/89 que trata da discriminação de origem, religião e raça, tentando agregar identidade de gênero e orientação sexual. Em 2012, como recorda Jair de Souza Ramos, “temos também a atenção dada à eleição municipal em São Paulo, a participação do Pastor Silas Malafaia, e a tentativa de introduzir um viés religioso na eleição por meio das críticas ao chamado kit-gay.” Nesta ocasião, “quando se definiu o segundo turno da campanha

Cabe realçar que Feliciano, ferrenho partidário da “cura” de pessoas trans, estimulou publicamente fiéis a contribuírem para a “reversão da sexualidade” destas pessoas inclusive através de campanhas do Facebook. Conforme explicou uma matéria, de modo pouco sutil, “Talita de Oliveira quer voltar a ter aparência masculina e quer arrancar as próteses de silicone”, e ainda,

o deputado Marco Feliciano postou em seu Facebook um pedido de um membro da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira em Rio Branco (AC) que quer pagar a retirada de silicones de um travesti que quer deixar a prática. O travesti em questão já ganhou destaque na rede social do deputado paulista ao aparecer em um vídeo criticando o ativismo gay e defendendo a família tradicional. Querendo voltar a assumir sua identidade de homem, Talita de Oliveira quer retirar as próteses nos seios depois de ter cortado os cabelos. O evangelista Elieser Fidelis se solidarizou com o caso e resolveu criar uma campanha para arrecadar o dinheiro necessário para pagar a cirurgia. Com mais de 1,8 milhão de seguidores na rede social, Feliciano resolveu divulgar a campanha. No texto o deputado evangélico relata que Talita tem alguns problemas de saúde e muita vontade de voltar a ter uma aparência masculina. As doações para essa causa podem ser feitas pela internet através do site Vakinha. O objetivo é alcançar R\$ 70 mil para pagar a cirurgia.³¹

As investidas do *popstor* na seara da conversão de pessoas transgêneras demonstram os esforços de evangélicos, inclusive parlamentares, em prescrever identidades e orientações afetivas/sexuais a pessoas que supostamente se encontrariam nas garras do diabo e necessitariam de “cura, restauração e libertação”. Esse contexto que opõe “batalha espiritual para uns, luta por reconhecimento para outros” (NATIVIDADE, 2008, p. 69) tem um inimigo à vista no *front*, o “demônio do homossexualismo”: “Deus ama o pecador mas não ama

eleitoral à prefeitura de São Paulo com os candidatos José Serra e Fernando Haddad, o pastor Silas Malafaia imediatamente entrou em cena manifestando seu apoio ao primeiro e conclamando os evangélicos a atacarem Haddad por ter sido sob sua direção no Ministério da Educação que foi desenvolvido o Kit Anti-Homofobia. Retomando a definição pejorativa de kit-gay, Malafaia tentou retomar a associação entre embates entre religiosos e defensores dos direitos humanos e seu impacto nas disputas eleitorais, que já havia se mostrado eficaz em outras eleições” (RAMOS, 2014, s/p). Importa realçar, ainda, que disputas e controvérsias entre pessoas evangélicas e ativistas LGB e trans* são anteriores a 2011.

³¹ Marco Feliciano faz campanha para pagar cirurgia de ex-travesti, 2014.

o pecado. Se o homossexual não se converte Deus vai pesar a mão e o jugo é pesado: haverá choro, ranger de dentes e lago de enxofre para os que estão endemoninhados e na mão do inimigo”.

Cunha observa a edificação do “inimigo” como fundamental em parte das igrejas evangélicas: “Exércitos precisam de inimigos. A teologia de um Deus guerreiro e belicoso sempre esteve presente na formação fundamentalista dos evangélicos brasileiros, compondo o seu imaginário e criando a necessidade da identificação de inimigos a serem combatidos” (CUNHA, 2013). Como notei sobre igrejas como a Bola de Neve Church, e que se amplia para a *galáxia gospel*, tais agências religiosas possuem “um discurso bélico que aponta para a teologia da batalha espiritual”, em que

Satanás e seus demônios, diabos, capetas e zarapelhos fazem parte de uma força-tarefa obstinada em causar a derrota dos seres humanos, devendo ser combatidos com “unhas e dentes” espirituais. Para efetuar a peleja contra o exército infernal, soldados/as especialistas, forjados/as através de cultos, reuniões celulares, ministérios e eventos – bases de treinamento e operações táticas – utilizam a intercessão (*exorcismo/desobsessão/desencapetamento*) como *bazuca espiritual* para aniquilar entidades convocadas para a guerra como *Exus-caveiras, Pombagiras, Tranca-ruas, Maria Padilhas, Capapretas, Capirotos, Carochos, Cramulhões, Coisas-ruins, Caramujos-no-lombo* e outras *sobras das Trevas*. Tais esforços são responsáveis por retirar Lúcifer e seus seguidores do corpo e da alma dos/as crentes bem treinados/as” (MARANHÃO F^o, 2012, p. 134).

E quais são os *tinhosos* e *zarapelhos* que costumam ser alvo de pregadores como Feliciano? A comunidade LGBT e as religiões afrobrasileiras. Em entrevista realizada em 2014 em um acampamento de “cura” de travestis, um pastor explicou uma das causas para a homossexualidade e transgeneridade:

eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da pombagira, um tipo de pombagira (...) o diabo é legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs.

Ele vai ficar o tempo tododizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha (MARANHÃO F^o, 2017a, p. 136).

Para esse religioso, as causas que levariam ao “homossexualismo” envolveriam, de modo entrelaçado ou não, causas espirituais (em que religiões afrobrasileiras são diabolizadas), psicológicas / emocionais (envolvendo situações traumáticas e ideologias afirmativas advindas da escola e da mídia) e físicas (de cunho hormonal). Não é difícil compreender porque outro missionário - o de São Gabriel da Cachoeira - equacionou religiões afro + Lady Gaga = travestis endiabradas após assistir “vídeos de homens abençoados como Malafaia e Feliciano”. Em um desses vídeos, Feliciano reforça a construção do “inimigo” vinculando religiões afro e a cantora *pop* estadunidense, ícone LGBT: “se o Diabo tem uma Lady Gaga que canta e encanta, o meu Jesus tem uma Lady Shirley Carvalhaes que quando canta mexe com a nossa alma (Feliciano gritando)” (FELICIANO, 2013a). No vídeo o pastor midiático relaciona o sucesso de Lady Gaga e de Caetano Veloso³² ao diabo, diretamente associado a orixás, entidades e mães-de-santo.

O dispositivo da cisheteronorma propagado por Feliciano aglutina concepções maniqueístas, colonialistas e preconceituosas em relação às religiosidades afrobrasileiras e se capitaliza *capetalizando* tais públicos. Esse *marketing da intolerância* (OLIVEIRA, 2012), mais que um *marketing de guerra santa*

³² Sobre Veloso, Feliciano inferiu que o mesmo teria explicado o segredo de seu êxito artístico da seguinte forma: “Meu segredo é Mãe Menininha do Patuá (sic). Antes de mandar qualquer música pra rádio, pro Brasil eu mando pra ela, eu canto pra ela. E ela possuída pelos orixás diz assim: pode gravar que eu abençoo”. Na sequência, explica: “não subestime o Diabo. Porque ele tem poder” (FELICIANO, 2013a). Em outro comentário polêmico no mesmo evento (que por decoro acadêmico não chamarei de *pernicioso* e *maniaco*), Feliciano relacionou o assassinato de John Lennon a entrevista em que o mesmo comentara que os Beatles eram mais célebres que Jesus Cristo. O *popstor* arguiu: “Eu queria estar lá quando descobriram o corpo dele. Ia tirar o pano de cima e dizer: “me perdoe, John, mas esse primeiro tiro é em nome do pai. Esse é em nome do filho, e esse em nome do espírito santo. Ninguém afronta Deus e sobrevive para debochar” (FELICIANO, 2013b). Como se não fosse suficiente, também relacionou o acidente aéreo que vitimou o conjunto Mamonas Assassinas à vontade de Deus: “O avião estava no céu, região do ministro do juízo de Deus. Lá na Serra da Cantareira, ao invés de virar para um lado, o manche tocou pra outro. Um anjo pôs o dedo no manche e Deus fulminou aqueles que tentaram colocar palavras torpes na boca das nossas crianças (FELICIANO, 2013b).

(MARANHÃO F^o, 2012), denuncia um “massacre santo”, visto que em uma guerra costumam haver alguma resistência marcial, e as pessoas que são vilipendiadas por Feliciano- praticantes de religiões afrobrasileiras - não costumam pagar na mesma moeda do extremismo intolerante. E claro, tal intolerância de “santa” não tem nada. É plausível dizer que essa modalidade de “cura gay” se conecta a uma “cura afro” - e não nos esqueçamos dos discursos de Feliciano afirmando haver uma maldição divina pairando sobre pessoas afrodescendentes (SOARES, 2013), o que indica seu racismo religioso.

Como visto, religiões afro e mundo LGBT (incluindo Lady Gaga) são declarados inimigos do “felicianismo”. Não é por acaso que Cleycianne, em *risistência paródica*, tem como principais adversários os fiéis das “macumbas” e do “omossexualismo” (sic), dentre eles a cantora, devidamente satanizada através do apelido *Gaganás*. Quando a mesma esteve no Brasil em 2012 para *shows*, Cleycianne anunciou: “Lady Gaga joga flores de despacho pela janela de hotel e homossexual pega” (CLEYCIANNE, 2012), relacionando religiões afro (despacho) e homossexualidade.

Ainda que existam pessoas que levem a sério as inflamadas declarações de Cleycianne por conta de seus (d)efeitos de verdade, a personagem faz parte de um clamor social que não se coaduna com o extremismo felicianista. Como nota Cunha, “as redes sociais digitais foram infladas com calorosas manifestações contrárias não só aos discursos como a presença do deputado Marco Feliciano na CDHM. Foi nas redes pela *internet* que surgiu a frase que se popularizou rapidamente: “Feliciano não me representa” (CUNHA, 2013).³³ E certamente, não representa boa parte das pessoas evangélicas. É bom realçar isso para que não se reduza o cosmos evangélico a um bloco homogêneo e estanque:

em um determinado imaginário popular do tempo presente, as pessoas evangélicas em geral, e em certa medida também as católicas, são (con)fundidas com uma parcela de pessoas adeptas de tais cristianismos mas também adeptas de atitudes

³³ Ler ainda: PAIVA, NICOLAU, 2013.

intolerantes e discriminatórias em relação a outras – e certamente, nemsó de conservadorismo ou/e reacionarismo vive o mundo evangélico. Nesse caminho, é possível observarmos movimentos distintos: se por um lado, há uma onda ultraconservadora que discrimina religiões dematriz afro-brasileira e cosmologias indígenas, e que é reacionária a avanços sociais relacionados a minorias políticas, como mulheres e comunidade LGBT*, ao mesmo tempo, há alas de evangélic@s que são respeit@s às religiões e culturas alheias, e também às conquistas sociais femininas, de pessoas trans* e de pessoas homossexuais/afetivas (MARANHÃO F, 2015).

Sabemos que parte do eleitorado politicamente religioso e religiosamente político de Feliciano compartilha e retroalimenta suas ideias discriminatórias e que o próprio *popstor* age como propagador do dispositivo da cisheteronorma dentro e fora do Facebook. Mas além disso, o próprio Facebook parece atuar reforçando a “ideologia de gênese” da cisheteronorma em um momento ou em outro.

4. A “ideologia de gênese” no (do) Facebook

Em 2014 o Facebook promoveu uma espécie de *caça a perfis* de pessoas transgêneras. Todas aquelas cujas identidades, subjetividades e expressões de gênero não eram consideradas *autênticas* pela rede social começaram a ser alvo do apagamento de suas identidades virtuais por ali – ou seja, eram excluídas da rede. Rainha Tchaka, uma *drag queen* mais célebre do país, narrou: “tive meu Face excluído 2 vezes. Disseram que não podia usar o nome fantasia Tchaka e deveria usar o de batismo, Valder Bastos”, questionando: “Por que Fernanda Montenegro, Valeska Popozuda, Zezé de Camargo, Lady Gaga e todos os artistas com nomes sociais não tem de colocar seus nomes de batismo?”³⁴ Irônica e paradoxalmente, na semana em que Tchaka teve seu perfil interditado se comemorava o *Dia Internacional da Drag Queen* (16 de julho).

A lógica do Facebook era a mesma do dispositivo da cisheteronorma: o que vale é o nome de batismo que combina com o sexo-gênero de outorga no nascimento. Faz parte da política do Facebook que se utilize “seu nome verdadeiro, conforme

³⁴ TCHAKA, entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 14 de julho de 2014.

descrito em seu cartão de crédito, carteira de habilitação ou identificação de aluno”. Mas em se tratando de pessoas não-conformes com o sistema sexo/gênero de nascimento e cujos nomes de batismo não as representam, como definir nomes “verdadeiros” sem atentar à automarcação identitária? Além disso, há uma infinidade de perfis pessoais no Facebook cujos nomes não condizem com pessoas reais, como de organizações, igrejas, etc. A própria Bola de Neve Church, que analisei no mestrado em História,³⁵ tem dezenas de perfis pessoais com seu nome acrescido das indicações de suas filiais. Seria Bola de Neve um “nome verdadeiro, conforme descrito em seu cartão de crédito, carteira de habilitação ou identificação de aluno”?

Como me explicou mais de uma dezena de pessoas auto-identificadas *drag queens*, travestis e transexuais, a proibição afetou diretamente a identidade e/ou a expressão de gênero de muitas delas, fazendo com que algumas preferissem abandonar o Facebook a ter de utilizar o nome do RG (ainda não retificado), e outras discutissem abertamente em seus perfis sobre o que consideravam uma forma de censura. Além disso, como observou uma *drag queen*, “com o perfil do Face atinjo uns 70 % de seguidores e amigos em cada publicação. Sabe quantos atinjo com a *fanpage*? Menos de 10%, e só aumento este índice se pagar pro *site*. Entendeu a lógica da proibição agora? O Face quer é que artistas migrem para a *fanpage* para poder cobrar pela divulgação.”³⁶ Ou seja, a motivação para a “cura drag” seria possivelmente econômica, representando uma forma do Facebook capitalizar recursos a partir da auto-divulgação do trabalho das *drag queens*. De modo aparentemente símile, muitas pessoas auto-declaradas (ex)travestis e (ex)transexuais que passaram por “missões de restauração, libertação e cura” me disseram em entrevistas que a motivação de tais missões era potencialmente econômica (como observei mais acima).

³⁵ A dissertação resultou em livro (2013).

³⁶ PESSOA que faz *drag*, afetada pelo policiamento do Facebook, entrevista a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 18 de julho de 2014.

Este duplo episódio (censura do Facebook a perfis de pessoas com identidades e/ou expressões transgêneras) e o “tratamento” de “resgate da heterossexualidade” oferecido por missões evangélicas e católicas motivou uma brincadeira bem-humorada do *blog* da Cleycianne, divulgada amplamente através de sua *fanpage* do Facebook. Tratava-se de um *reality show* de caráter *gospel* que tinha o objetivo de “restaurar” *drags* com o auxílio de uma fada madrinha.

4.2 O *reality show gospel* de cura de *drags* e a Fada Madrinha da Cura Drag

Se Feliciano, seus asseclas e o Facebook em alguns momentos propagam o dispositivo da cisheteronorma, atuar risonhamente como contra-dispositivo ou profanação do dispositivo é o que faz Cleycianne (e seu “Pai Criador”, Thiago Pereira). Um exemplo está no *reality show gospel* de cura e restauração de *drags* promovido por *tia Cley* através do Facebook em 2014. A descrição do paródico evento era a seguinte:

Como vai funcionar: Durante duas semanas, de segunda a quinta, vocês conhecerão cada *Drag* e verão a linda transformação de verdade e conhecerão quem está por trás de toda aquela maquiagem do pecado. Na sexta-feira, começa a votação entre as candidatas apresentadas e as 4 ganhadoras irão para a fase final! O prêmio: um VIP para o céu, título de Varão Valoroso do Blog da Cley e uma Sexy com a Andressa Urach na capa, pois se houver recaídas o vencedor conseguirá se reerguer vendo como o corpo de uma varoa é lindo (sim, eu sei que é revista de piranhagem mas para a cura *drag* e *gay* vale tudo!)

Estão prontos para o primeiro *reality show gospel* de cura e restauração de *Drags* da face da Terra? Então vem crente! Que vença o melhor varão!³⁷

Rebecca Foxx foi a primeira a participar da *cura e restauração drag*. As fotos mostravam o “antes e o depois da cura *drag*”.

³⁷ *Cleycianne*, Facebook, última semana de julho de 2014.

Imagens: Antes e depois da cura drag de Rebecca Foxx

segunda-feira, 21 de julho de 2014

Cleycianne's Drag Race: Confira a cura e restauração de Rebecca Foxx



É a primeira a receber a cura e restauração do Cleycianne's Drag Race é REBECCA FOX!! Oíha só o pedido da pobre alma perdida:

A paz do Senhor, varões e varoas de Deus!Eu estou pedindo, estou **IMPLORANDO!!!** Eu quero ser salva, pois eu sei que Deus vai me ungir e derramar sua chuva de bênçãos sobre mim **(HALABASHURIA)** eu quero ser coberta pelo manto sagrado e ser salva em nome de Jesus!
ME CURA, PII! ME SALVA! ME LIBERTA!!!

EU POSSO OUVIR UM AMÉM, UNGIDOS? Como posso negar um pedido de cura e restauração? Isso é que nem copo de água, não se nega a ninguém!! Para me ajudar, chamo o meu convidado especial **Marco Feliciano**, que será a "Fada Madrinha da Cura Drag"(sim, para a cura Drag vale tudo, até se vestir de Fadinha) de hoje!

HANA MACANTARAVA SUAYI HAMAIA MEU REI! XAMANAIAS! CARINAMABUSHILAS!

QUE O SENHOR RESTAURE ESSE POBRE ALMA!!

*PLIM *PLIM *PLIM!



AQUI ESTÁ O ANDRÉ! MÁSCULO, VIRIL, UM VARÃO CURADO EM NOME DE MEU DEUS!!

POSSO OUVIR UM AMÉM AQUI?

Lembrando que até quinta serão apresentadas mais 3 candidatas e sexta começa a votação da primeira eliminatória!

MAY THE BEST MAN WIN! ("que vença o melhor varão" em inglês)

Fonte: Perfil de Cleycianne no Facebook, julho de 2014

Através do *inbox* do Facebook, Rebecca Foxx / André Gomes explicou:

Imagem: Conversa inbox com Rebecca Foxx / André Gomes



Fonte: Conversa com Rebecca Foxx sobre a “cura drag” promovida por Cleycianne

Foxx³⁸ observa que o intuito da paródia estava na “cura drag” promovida pelo Facebook³⁹ e é fácil deduzir que as críticas embutidas em Cleycianne referiam-se também à “cura” de pessoas transgêneras e não-hétero em geral. Como confirma Thiago Pereira, através de conversa em inbox do Facebook, o objetivo da brincadeira era duplo: ajudar na divulgação do trabalho dos rapazes que atuam como *drag queens* e “satirizar toda essa história de cura gay”: Pereira se sentia particularmente incomodado com os diversos videos que circulavam no Facebook e Youtube com missionários/as que testemunhavam a “cura” de travestis e transexuais enquanto cortavam os cabelos destas pessoas e as declaravam “libertas do demônio”.⁴⁰ Quem fez as honras do concurso de *cura*

³⁸ Vale observar, na imagem acima, que o nome constante na conversa era André Gomes, e não Rebecca Foxx, visto o bloqueio do Facebook ao segundo nome.

³⁹ Até outubro de 2014 aconteceram muitos protestos feitos por pessoas transgêneras contra os apagamentos e aniquilações identitárias virtuais que o Facebook procurava promover. A *drag queen* Nany People, também bastante conhecida dentro e fora da rede, foi uma das primeiras a abandonar o Facebook como sinal de protesto. Outras pessoas preferiram ali permanecerem como sinal de resistência, criticando o que entendiam ser uma perseguição de gênero. Muitos dos comentários lembravam que “o Facebook só deleta perfis de *drags* e trans porque eles são denunciados”. No começo de outubro, depois de muita polêmica, a rede voltou atrás e permitiu as pessoas transgêneras a utilizarem seus nomes sociais.

⁴⁰ PEREIRA, Thiago. Conversa *inbox* no Facebook com Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº, 21 de julho de 2014.

drag (imaginamos que à contragosto) foi o deputado Marco Feliciano, famigerado pelo apoio dado ao “resgate da sexualidade” de pessoas não-hétero e pessoas não-cisgêneras. O *popstor* foi retratado por Cleycianne como a *Fada Madrinha da Cura Drag*.

Imagem: Marco Feliciano, fada madrinha da cura drag



Fonte: Perfil de Cleycianne no Facebook, julho de 2014

A *ris-istente* paródia relaciona a atuação dos ministérios de “cura” de pessoas transgêneras e não-hetero com as interdições do Facebook a perfis de *drag queens* - ou metaforicamente a “cura de *drags*”. A composição da imagem, meio Feliciano e meio fada, confere uma imagem mental a partir de ausências e presenças que se interpolam, em sentido similar ao que comenta Sandra Pesavento:

Uma imagem mental forma-se dotada de propriedades semânticas: nós pensamos coisas enquanto vemos, e lhes atribuímos valor e significado; classificamos o que vemos e lhes conferimos sentidos; correlacionamos aquilo que é visto, e que está presente, com o plano das imagens ausentes, mas lembradas e evocadas pelo pensamento (PESAVENTO, 2008, p. 101).

Nessa imagem de Marco “fada madrinha” Feliciano, é plausível que a pessoa fruidora correlacione o que vê com o que não vê, ou seja, um corpo de fada sem cabeça de fada, ou a cabeça de Feliciano sem o seu corpo. No segundo caso, a figura presente (a cabeça) não é complementada pela figura ausente (o corpo de Feliciano), mas potencialmente outro ausente se constitui e presentifica preenchido pelas concepções que se pode ter sobre Feliciano. É possível, por exemplo, que o ausente seja preenchido com a concepção de Feliciano como um pastor e político extremista (ou outros atributos que possam ser relacionados a ele).

Assim, a imagem mental se forma tanto a partir de coisas que vemos como a partir *daquilo que não vemos mas... vemos* – ou como diz Pesavento, “através de uma operação mental e pelas artes da memória, presentificamos uma ausência que é capaz de se tornar presente” (PESAVENTO, 2008, p. 102). A autora também contempla que

Há uma tensão “entre a dimensão visível da imagem – aquilo que é exibido enquanto forma, composição, figura, cor – e o que nela é invisível: os seus silêncios e lacunas, as coisas ou sentidos para os quais ela aponta, e que não são mostrados, a insinuar uma continuidade da trama ou da cena, ou a apelar para outros significados, presentes em outras imagens” (PESAVENTO, 2008, p. 107).

Certamente, de modo similar ao que aponta Pesavento, ao mostrar Feliciano como Fada Madrinha da Cura Drag, procura-se apontar justamente para o contrário, seu extremismo religioso / sexual / generificado.

5. #TomaEmCristo: um tapa na cara pra quem diz que Cura Gay não existe!

Em 2014 Cleycianne comentou o *milagre* envolvendo o (inventado) cabeleireiro Rogério Arruda, de 24 anos, que se curou do “homossexualismo” ao

se encantar com as *varoas* da Igreja Ungida de Itaquera – especialmente com as suas saias longas, saltos, presilhas no cabelo e camisetas.⁴¹

Imagem: #TomaEmCristo



Fonte: Perfil de Cleycianne no Facebook, julho de 2014

Outra postagem apresenta O “Bonde da Cura Gay”, ministério evangélico fundado com o propósito de converter homossexuais em *varões ungidos* e prepara-los para o casamento com as *irmãs* ainda solteiras. O tema do bonde seria “encalhada não, meu varão ainda é homossexual”, e segundo uma das missionárias de cura casamenteira, “estou com 35 anos, as opções de homens em minha Igreja acabaram e arrumar um namorado de fora é complicado”, sendo a

⁴¹ Cleycianne, 30 de junho de 2014.

Religare, ISSN: 19826605, v.15, n.2, dezembro de 2018, p.612-651.

melhor opção “investir em um homem que ainda não entrou no mercado gospel e que se curará de um mal através da religião. É como comprar um apartamento na planta”.⁴²

Imagem: Bonde da Cura Gay



Fonte: Perfil de Cleycianne no Facebook, setembro de 2014

O mesmo argumento foi repetido em outros momentos e mídias, como no Twitter:

Imagem: Cura gay no Twitter de Cleycianne



⁴² Cleycianne, 16 de setembro de 2014.

Em comentário de 2010 no *blog*, Cleycianne afirma: “Sonho em Cristo que um dia não teremos mais festas como essa aqui em nosso país, só teremos carnaval de Jesus com muito louvor e adoração! Eu mesma promovi a cura de várias pessoas nesse feriado: homossexuais, prostitutas, travestis, pessoas obesas, drogados”.⁴³ Uma das estratégias de Cleycianne – uma *autoura* (sic) e *psicóloga formada pela vida a partir de estudos bíblicos* – em promover a cura esteve na distribuição do *kit macho*, “uma cartilha que fará seu filho gostar apenas de mulheres”:

ser homossexual ou não é questão de fé e educação, por isso venho aqui lembrar e colocar à disposição de vocês o Kit Macho, uma cartilha que visa transformar o seu filho em um ungido heterossexual. Só imprimir e distribuir na escola para a molecada. Deus é mas!.⁴⁴

A cartilha ensina que é perigoso “gostar de linguíça”, pois “não é coisa de macho”, usar brinco por ser o primeiro passo para um menino se interessar pelo universo das meninas” e “virar travesti (menino que vira menina) em apenas 3 meses!”, e adverte que isso “fará com que você perca todos os seus brinquedos, pois terão de ser doados para algum menino que não virou travesti”.⁴⁵ O *kit macho* explica que para meninos e meninas há determinadas cores (respectivamente azul e rosa), brinquedos (carrinho e boneca) e filmes (de ação e comédias românticas) que são adequados, e ao final traz uma recomendação de utilidade pública: “se souber de algum amiguinho que não é macho ou que se recuse a ler a cartilha, ligue para 190 e o denuncie (sic) para a polícia”.⁴⁶

Aludir a policiamentos do gênero (ou seriam policiamentos *de* gênero, e também de sexualidade?) remete à polêmica envolvendo o “*Kit de Combate à Homofobia nas Escolas*”, conjunto de vídeos e guia de orientação a docentes, que apresentavam de modo positivo a homossexualidade de adolescentes,

⁴³ SANTANA, ALMEIDA, GOUVEIA, 2010, p. 5.

⁴⁴ Cleycianne, 21 de abril de 2014.

⁴⁵ Idem, 2014.

⁴⁶ Idem, 2014.

procurando combater a discriminação a pessoas não-hétero e não-cisgêneras em contexto escolar,⁴⁷ diminuindo o sofrimento emocional de tais jovens. O *kit* intentava ainda atuar na prevenção da AIDS entre adolescentes. Tal *kit*, apresentado em 2010 na Câmara dos Deputados, foi rapidamente apelidado pejorativamente de “*kit gay*”, sendo repudiado por deputados da ala reacionária como Jair Bolsonaro e Marco Feliciano, que diziam ser o material um “estímulo ao homossexualismo e à promiscuidade”.⁴⁸ Com a pressão da Bancada da Bíblia – compreendida aqui como aquela formada não somente pela ala ultra-conservadora evangélica como pela ala igualmente conservadora formada por deputados católicos – a presidenta Dilma Rousseff vetou a distribuição do material em maio de 2011.

O *kit macho*, paródico em relação ao censurado “*kit gay*”, ensinava ainda que “gostar de cantoras pop é perigoso!”:

Imagem: Lady Gaga no kit macho

⁴⁷ Os três vídeos do *kit* enfocavam a transexualidade, a bissexualidade e a homossexualidade feminina entre adolescentes.

⁴⁸ Bolsonaro inferiu, em fala na Câmara: “atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um kit intitulado Combate à Homofobia. Na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade. Esse kit contém DVDs com duas historinhas. Seus filhos de 7 anos vão vê-las no ano que vem, caso não tomemos uma providência agora” (*Discurso no plenário da Câmara Federal, 30/11/2010*).



Fonte: Perfil de Cleycianne no Facebook, 2014

O *textimagem* recomenda que a cantora Lady Gaga seja desejada como mulher, mas que suas músicas seriam espécies de portais demoníacos que poderiam levar a criança a se tornar moradora de rua: “quando o papai e mamãe descobrem, eles expulsam o menininho de casa! Já pensou você morando na rua, sem ter o que comer e onde dormir?”

A imagem é complementada pela figura de Marco Feliciano, títere da resistência ao “kit gay” e da própria cantora, considerada por muitas pessoas um ícone LGBT. O (d)efeito pretendido por Cleycianne (e seu “senhor”, Thiago Pereira), pode ultrapassar o aspecto paródico rumo à hiper-realidade e ao simulacro. Aliás, é comum que o ciber seja espaço profícuo para a imbricação entre (d)efeitos de ilusão e de verdade, como infere Baudrillard,

os *media* carregam consigo o sentido e o contra-sentido, nada pode controlar este processo, veiculam a simulação interior ao sistema e a simulação destruidora do sistema, segundo uma lógica absolutamente (...) circular. Não há alternativa, não há resolução lógica. Apenas uma exacerbação lógica e uma resolução catastrófica (BAUDRILLARD, 1981, p. 116).

Nesse sentido, é plausível que Cleycianne mescle paródia e hiper-realidade (SANTANA, ALMEIDA, GOUVEIA, 2010, p. 12), trazendo, para quem vê o *textimagem* de modo desavisado, possível (con) fusão entre a pilhéria e a realidade. Assim, para Santana, Almeida e Gouveia, “os textos publicados pela personagem são levados a sério por muitos visitantes, que não se dão conta de que se trata de uma piada” e “como a paródia não é clara, a não ser pela nota colocada no final da página, a inversão da realidade gera um efeito da própria realidade a ser parodiada, ultrapassando o próprio conceito de paródia” (idem, p. 1)⁴⁹. E é similarmente que Marcelo Santos e Patrícia Coelho notam que esse tipo de coisa acontece “em função da existência de uma nebulosa fronteira entre ficção e efeito de sentido de verdade nos textos veiculados pelo blog” (SANTOS; COELHO, 2011, p.1). Parece ser nessa risível conexão entre (im) pactos de real e falseado que funciona nossa diva gospel - e como já percebemos, é em *ris-istênciã contradispositiva e profanadora* a missões de “cura, restauração e libertação” que Cleycianne atua.

A sorrir, eu pretendo levar a vida
Pois chorando eu vi a mocidade perdida
Cartola

6. A cura da homofobia e transfobia através do humor

Entre as fronteiras da afirmação e a subversão do riso (MINOIS, 2003), as falas e imagens de Cleycianne procuram aparentemente afirmar as normas de gênero e sexualidade hegemônicas ao passo que intentam problematiza-las e/ou subverte-las. Parodicamente, promovem alteração do texto-base estimulando que se procure um sub-texto (FERRAZ, 2011), atuando como ferramenta histórica do tempo recente na fissura do poder o desestabilizando e perturbando através do riso (PEÑA, 2015). Pura *ris-istênciã!*

⁴⁹ Destarte isso poder acontecer, o *blog* de Cleycianne “se configura como uma espécie de ‘piada interna’, compartilhada entre o autor e os leitores que compreendem a brincadeira e participam dela através do sistema de comentários” (idem, p. 9).

Seus efeitos de verdade se enraízam na potencialidade de mentira imbuída na linguagem (DUARTE, 2006), sendo *linguagem* aqui entendida como texto, imagem e a mistura de ambas (o que convencionei *textimagem*). Tanto texto como imagem (e *textimagens*) seguem a consideração que Sandra Pesavento faz:

As imagens, como representação, partilham dessa condição de ambivalência, de ser e não ser a coisa representada, portando, em si mesmas, o fato de serem *mímesis* – o que permite a identificação –, e o de serem *fictio*, constituindo um significado revelador de uma interpretação do mundo. Assim, em virtude da ambivalência que faz da imagem uma espécie de oximoro, figura portadora de contrários, ela é, também, ambígua. A imagem *é e não é*, ao mesmo tempo, o real representado, mas traz a presença de um *plus*, de um outro sentido que se insinua, mostrando a essência do fenômeno de representação (PESAVENTO, 2008, p. 104).

Para Pesavento, “as imagens partilham com as outras formas de linguagem a condição de serem simbólicas, isto é, são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado” (PESAVENTO, 2008, p. 99), e é assim que atua Cleycianne: parodicamente dizendo uma coisa para dizer outra - promovendo uma fada madrinha inverossímil que sinaliza para o absurdo que é o extremismo religioso. Nesse sentido, Cleycianne vai seguindo como “contra-mola que resiste” (Secos e Molhados, 1973), como contradispositivo profanador (AGAMBEN, 2014) do dispositivo (FOUCAULT, 1988), com textos e imagens (e *textimagens*) que *são mas não são*. O conjunto de representações que envolve Cleycianne cria um reconhecimento por parte de seu público-fiel – *capital simbólico* (BOURDIEU, 1996) – revestindo seu discurso de *eficácia performativa* (idem, 1996) e auxiliando na confirmação da autoridade de sua fala.

O *tapa na cara* de Cleycianne consiste em demonstrar a inviabilidade da “cura, restauração e libertação” de pessoas não-hétero e não-cisgêneras dado que uma pessoa não ser cisgênera ou hétero não consiste em doença alguma. A única “cura” possível é a da não-heterofobia e da transfobia / não-cisfobia, bem como da intolerância religiosa, do racismo, capacitismo, sexismo, masculinismo,

xenofobia, elitismo, academicismo, dentre outras formas de violação de direitos humanos e constitucionais. Em relação às situações fóbicas e extremismos com as quais nos deparamos, muitas vezes é melhor lembrar da canção de Cartola que diz que é melhor “rir para não chorar”, a exemplo do que também entoa Minois:

o riso vai se insinuar por todas as imperfeições humanas. É uma constatação de decadência e, ao mesmo tempo, um consolo, uma conduta de compensação, para escapar ao desespero e à angústia: rir para não chorar. Eis aí o que os pais da Igreja recriminam: em lugar de chorar sobre nossa decadência, o que seria marca de arrependimento, rimos de nossas fraquezas, e essa é nossa perda. Vemos nosso nada e rimos dele: um riso diabólico. (MINOIS, 2003, p. 112-113).

Na encruzilhada entre afirmar e subverter, o riso se reveste de intenso sentido profanador e contradispositivo, lembrando Agamben, para quem “a profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido” (AGAMBEN, 2014, p. 45), e Minois: “se o riso é qualificado às vezes como diabólico, é porque ele pôde passar por um verdadeiro insulto à criação divina, uma espécie de vingança do diabo, uma manifestação de desprezo, de orgulho, de agressividade, de regozijo com o mal” (MINOIS, 2003, p. 19).

Se pensarmos o dispositivo da cisheteronormatividade como supostamente “divino” visto sua hegemonia política, se faz mister uma encapetada *ris-istênci*a profanadora, contradispositiva e bem-humorada, remetendo à canção de Elba Ramalho: “nas trincheiras da alegria o que explode é o amor”. E como se sabe, não há nada mais divinamente diabólico ou diabolicamente divino que o amor.

Considerações inconclusivas

Nesse tempo presente, “vibrato do inacabado que anima todo um passado, presente aliviado de seu autismo, inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas” (RIOUX, 1999, p. 50), devemos pensar nossas vivências como ensina Jorge Larrosa, para quem a experiência do presente deve ser pensada não com a

verdade de nosso passado, mas “com o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos e daquilo que já estamos deixando de ser” (LARROSA, 2004, p. 34). Um exercício desse tempo mais que presente⁵⁰ - imediato - certamente é amar em tempos de trevas. Ou como disse Agamben, percebendo o escuro do presente, dele devemos apreender a luz, afim de

transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2009, p. 72).

E é nesse sentido, ainda que cientes que “a escrita sobre o outro é uma escrita conquistadora” (CERTEAU, 1982) e a relação de quem pesquisa com quem é pesquisada/o é estruturada em jogos de sedução e poder que se estabelecem entre ambas as partes, que devemos nos posicionar - tomar partido - em nossas pesquisas.

Longe de “descobrir a pólvora”, é incrível como determinados movimentos espiritualistas e religiosos (que de “novos” não tem nada, podendo ser convencioneados “velhos movimentos religiosos” , no pior sentido que “velhos”

⁵⁰ Entendo história do tempo presente e história do recente, dentre outros epítetos, como sinônimos e como recursos heurísticos/didáticos, ciente de que tais expressões certamente não dão conta da complexidade dos fenômenos contemporâneos. Tais termos, como uma infinidade deles, podem (devem) ser colocados *sob rasura*, utilizados desde que conscientes de sua insuficiência como categoria e/ou conceito. História do presente, história próxima e história imediata não se referem exatamente à mesma cronologia, segundo autores/as como Chaveau e Tètart (1999). Para ele/a, estes três tempos históricos fariam parte de um tempo muito contemporâneo, aquele a partir do segundo terço do século XX. De modo geral a história próxima é entendida como os últimos trinta anos enquanto a história do presente englobaria os últimos cinquenta ou sessenta. As duas seriam definidas por características como a natureza dos arquivos e forma de acessibilidade destes, natureza dos métodos, círculo dos historiadores e continuidade cronológica num século. Já a história imediata, feita no calor do acontecimento e por vezes associada ao ofício jornalístico, seria o complemento da história do presente. Entendo todas como parte do mesmo campo historiográfico e sinônimos.

podem trazer, de mais que ultrapassados, carcomidos), muitas vezes usam o idioma da "libertação" para atrair as pessoas, por vezes remetendo a paradigmas libertários da contracultura. O que acontece quando as pessoas adentram nesses locais? Por vezes percebem que ao cair das máscaras os movimentos são sumamente autoritários; que promovem adicção a doutrinas e não estimulam a criação, originalidade e liberdade; e que procuram "curar" o que não é patologia e "restaurar" a pessoa em uma ordem progressiva de amarras ideológicas e de programações mentais, espirituais e emocionais de caráter alienante. O que tais movimentos promovem não é nem lavagem cerebral, é "sujagem" cerebral: mais poluem, envenenam e intoxicam que promovem ventos libertários que promovam paz, alegria, sabedoria, fraternidade e amor. E ainda que a pessoa tenha a liberdade de procurar um movimento autoritário, é bom lembrar que a liberdade, em si, é anti-autoritária.

De qualquer forma, para além do adágio "Deus é amor", podemos considerar que *Deus é humor*, e em tempos contemporâneos sombriamente envoltos por extremismos que são religiosamente políticos e politicamente religiosos, recheados com a eclosão de movimentos ideológicos regressistas como a Escola Sem Partido, censuras, e perseguição a docentes e discentes, sorrir talvez seja o melhor remédio ou ainda mais, nos traga *cura, restauração e libertação*. De mãos dadas com Cartola, seguimos cantando: "deixe-me ir, preciso andar, vou por aí, a procurar, rir pra não chorar".

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos, 2014.
_____. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas (o que falar quer dizer)*. São Paulo: EDUSP, 1996.
CERTEAU, Michel de. *La fable mystique*. Paris: Gallimard, 1982.
CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (Orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CHAVES, Josué. *Ironia e humor no ciclo bíblico de Jacó*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Literatura. Orientação de Salma Ferraz. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

CUNHA, Magali do Nascimento. Gênero, religião e cultura: ecos do neoconservadorismo evangélico brasileiro nas mídias. In: BRONZSTEIN, Karla Regina Macena Pereira Patriota; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (Vol.1)*. Recife: ABHR / ABHR Nordeste, 2015.

_____. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do "inimigo" no caso de Marco Feliciano. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v. 10, n. 29, p. 51-74, 2013.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

FERRAZ, Salma. *Pólen do Divino*. Blumenau: Editora da FURB, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *História da sexualidade, vol. 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O uso religioso da Internet no Brasil. *PLURA – ABHR*, v. 1, p. 202-212, 2010.

HOOVER, Stewart. M. *Religion in the media age*. New York: Routledge, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia*. Ensinaamentos das formas de arte do século XX. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 342 p., 2014.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 27-43, 2004.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A Bola de Neve avança, o Diabo retrocede: Preparando davis para a batalha e o domínio através de um Marketing de Guerra Santa em trânsito. *REVER – Revista de Estudos da Religião (PUC-SP)*, ano 12, n. 2, p. 124- 143, 2012.

_____. Acampa, mona, que este é o Caminho: (Re/des) fazendo gênero em um acampamento de "cura" de travestis. *Paralellus*, v.8, n.17, pp. 117-151, 2017a.

_____. *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____. A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (Re/des) fazendo gênero no Alto Rio Negro. *Mouseion (UniLasalle)*, v. 22, pp. 151-175, 2015a.

_____. “A travesti morreu, mas carrego ela no caixão” e outras histórias vivas: conversão, transfobia religiosa e morte. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, n. 9, p. 165-216, 2017b.

_____. “É prá baixar o porrete!” Notas iniciais sobre discursos punitivos-discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015.

_____. “Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem”. O primeiro Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEL. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*, VIII, 15, p. 131-149, 2015b.

_____. “Me adiciona? / pode entrevistar pelo Facebook?": (Re/des) conectando procedimentos operacionais através de etnografia, história oral e observação ciborgues. *Poder & Cultura*, UFRJ, v.3, n.6, p. 263-287, 2016a.

_____. *(Re/des)conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História Social. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

_____. “Sou presbiteriana crossdresser e saio do armário no Facebook” (Re/des) montando identidades trans* em rede e na rede. *Observatório*, Palmas, v.2, n.1, p. 138-160, 2016b.

MIKLOS, Jorge. *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Orientação de Norval Baitello Júnior. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

MINOIS, George. *A história do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 115-132, 2006.

NASCIMENTO, Andrew Feitosa. “*Eu amo homossexuais como eu amo bandidos*”: o pensamento religioso de Silas Malafaia. In: MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *ANAIS do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (p. 1730-1740).

PAIVA, Fernanda; NICOLAU, Marcos. “...e o Marco Feliciano Não me Representa”: As Múltiplas Formas de um Meme no Instagram. *ANAIS do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Mossoró, RN: INTERCOM, 12 a 14 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0207-1.pdf>. Acesso em: 18 maio 2018.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. Humor e fé: os evangélicos na mídia. In: BRONZSTEIN, Karla Regina Macena Patriota; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Orgs.). *ANAIS do 2º Simpósio Nordeste da ABHR*. Recife, PE: ABHR, 11 a 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/1245>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

PEÑA, Julia Antivilo. *Entre lo sagrado y lo profano se tejen rebeldias: Arte feminista latinoamericana*. Bogotá: Desde Abajo, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da História Cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais*. Percursos em História Cultural. Porto Alegre: Editora Asterisco, 2008.

RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. *Civitas: Revista de Ciências Sociais* (impresso), v. 12, p. 566-578, 2012.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (Orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

SANTANA, Adriana; ALMEIDA, Cecília; GOUVEIA, Diego. A hiper-realidade em Cleycianne: efeitos de verdade a partir da paródia. *ANAIS do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Caxias do Sul, RS: 2 a 6 de setembro de 2010.

SANTOS, Marcelo; COELHO, Patrícia Margarida Farias. Manipulação em Cristo (ou humor unguido?): uma análise semiótica do fenômeno “Cleycianne”. *Estudos Semióticos*. V. 7, n. 2, p. 79-93, 2011.

SOUZA, Odair de. *A construção do Plano Municipal de Educação no município de Paulo Lopes/SC e sua interface com a religião*. TCC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Orientação de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. Programa de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 61, 2016.

_____, MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Gênero e Diversidade na Escola *ou* ideologia de gênero? Reações religiosas a um Plano Municipal de Educação de Santa Catarina. *Poder & Cultura*, v. 5, n. 9, p. 330-351, 2018.

VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Teorema, 2000.

Entrevistas

FOXX, Rebecca. *Entrevista*. Facebook, 17 de julho de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MARTINS, Ledah. *Entrevista*. Facebook, 17 de julho de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

MISSIONÁRIO indígena de “cura” de homossexuais e travestis indígenas. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 25 de fevereiro de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PESSOA que faz *drag*, afetada pelo policiamento do Facebook. *Entrevista*. Facebook, 17 de julho de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PESSOA trans afetada pelo policiamento do *Facebook*. *Entrevista*. Facebook, 17 de julho de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TCHAKA, Rainha. *Entrevista*. Facebook, 14 de julho de 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

Internet

BOTELHO, Jasiel. Porque Deus é humor. Disponível em <<http://jasielbotelho.blogspot>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CLEYCIANNE, Blog da. Anteriormente disponível em: <www.cleycianne.com>. Atualmente fora do ar. Acesso em várias datas.

CLEYCIANNE, Diva (Thiago Pereira). *Postagem pública em perfil pessoal do Facebook*, 2017.

DISCURSO no Plenário da Câmara Federal. Discurso de Jair Bolsonaro na Câmara Federal, 30 nov. 2010. *Youtube* (06 min06 seg.).

FERNANDES, Danilo. *Blog do Genizah*. Disponível em: <www.genizahvirtual.com>. Acesso em: 22 jan. 2018.

FOXX, Rebecca. *Postagem pública em perfil pessoal do Facebook*, 2014.

MARTINS, Ledah. *Postagem pública em perfil pessoal do Facebook*, 2014.

TCHAKA, Rainha. *Postagem pública em perfil pessoal do Facebook*, 2014.

YOUTUBE. Marcos Feliciano (Postado em 09 abril 2013): "Caetano Veloso, MãeMenininha do Gantois e Lady Gaga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zla1R6gDCtE>. Acesso em: 17 maio 2018.

YOUTUBE. Marcos Feliciano (Postado em 08 abril 2013): "Feliciano diz que John Lennon e Mamonas Assassinas morreram por "afrontar" Deus". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hikdkxczLv8>. Acesso em: 17 maio 2018.

SOARES, Luis. Marco Feliciano volta a dizer que africanos são amaldiçoados. *Pragmatismo Político*, 05 abril 2013. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/marco-feliciano-africanos-amaldicoados.html>. Acesso em: 18 maio 2018.

Recebido em 25-10-2018.
Aprovado em 20-01-2019.